



CITIZENSHIP AND RECOVERY OF OPPORTUNITIES FOR SUBURBAN SPACE
Erasmus+ project n. 2021-1- IT03-KA220-YOU-000028963

Repensar através de redes

Diretrizes

Uma proposta de trabalho para promover a cidadania ativa dos jovens através da regeneração urbana

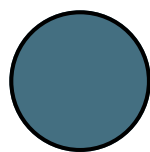


CROSS- Citizenship and Recovery of Opportunities for Suburban Space
Erasmus+ KA220 Cooperation Partnerships in Youth
Project n. 2021-1- IT03-KA220-YOU-000028963

O apoio da Comissão Europeia à produção desta publicação não constitui uma aprovação do seu conteúdo, que reflete apenas as opiniões dos autores, e a Comissão não pode ser responsabilizada por qualquer utilização que possa ser feita da informação nela contida.

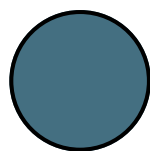


Este documento está licenciado ao abrigo de uma licença internacional creative commons attribution-noncommercial-share alike 4.0.



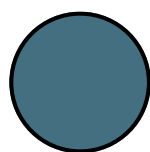
INTRODUÇÃO

Porquê diretrizes?	1
Parceria de projeto	2
Participação da comunidade, dos jovens e regeneração urbana	4
O estado da arte	6
Participação cívica e voluntariado	8



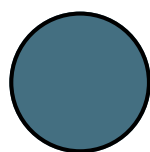
JOVENS ATIVADORES COMUNITÁRIOS: A EXPERIÊNCIA DO PROJETO

Descrição geral do projeto	12
A estratégia do projeto	13
Pontos fortes e desafios	19
Resultados alcançados	21



ORIENTAÇÕES CROSS

22



ANEXO - MANUAL CROSS

Capítulo 1. Introdução

1.1 Porquê diretrizes?

O objetivo desta publicação é fornecer aos que trabalham na área do trabalho com jovens e do empoderamento da comunidade indicações e reflexões para o desenvolvimento de intervenções de regeneração urbana, com base na experiência do projeto CROSS. O projeto, financiado pelo programa Erasmus no domínio da juventude e implementado nos anos 2022-2024, propôs uma metodologia para a ativação social das comunidades através da regeneração dos espaços, analisando e comparando as estratégias implementadas por várias realidades europeias ativamente envolvidas na juventude e nas políticas de juventude.

No decurso do projeto, através da participação em reuniões, trabalhos de grupo, atividades de formação e integração de diferentes competências, alguns temas emergiram como particularmente relevantes em diferentes contextos e países, pelo que decidimos incluir nesta publicação uma reflexão sobre os mesmos, tão partilhada quanto possível.

A ideia de reunir a experiência numa publicação e delinear orientações para uma possível ação surgiu do desejo de divulgar as reflexões do projeto para que pudessem ser mais discutidas, contribuindo para o debate público. Além disso, a publicação tem por objetivo fornecer indicações operacionais sobre uma possível estratégia de trabalho com jovens através de intervenções de reabilitação urbana. Estas indicações podem constituir reflexões e ferramentas de trabalho para organizações de juventude, centros de juventude, animadores de juventude, assistentes sociais, instituições públicas e decisores políticos.

O documento é composto por três secções: uma primeira secção introdutória apresenta as principais questões abordadas pelo projeto, a situação dos países parceiros e algumas considerações gerais; a segunda secção é dedicada à metodologia do projeto, fornecendo indicações sobre atividades, ferramentas, abordagens e lições aprendidas; a terceira secção resume algumas orientações extrapoladas da experiência do projeto.

1.2 Parcerias no projeto



A ARCI Livorno faz parte da associação nacional Arci, uma organização popular com mais de cinco mil centros comunitários e quase um milhão de membros em toda a Itália. Arci promove a cultura, a igualdade de direitos, a justiça social, o antirracismo e a paz entre os povos e está empenhada na construção de uma cidadania ativa e consciente. O comité territorial é o sujeito nomeado pelos estatutos para representar a associação no território, prestar assistência à rede de círculos e velar pelo respeito dos estatutos e dos valores da associação, pelo que tem também uma função de orientação e de controlo. O Comité Territorial de Livorno conta atualmente com mais de trinta círculos.

A LINC é uma cooperativa social sem fins lucrativos que opera no sector comunitário. A LINC apoia organizações, instituições e associações na conceção de intervenções relacionadas com o desenvolvimento e a capacitação da comunidade. O objetivo é reforçar os recursos dos indivíduos e das comunidades através do desenvolvimento de capacidades para promover comunidades inclusivas. Ao longo dos anos, a cooperativa tem desenvolvido muitas intervenções destinadas a promover a participação dos jovens e a reforçar as competências de cidadania ativa através de serviços e projetos educativos.



A AIFED é uma organização não governamental que trabalha a nível regional, nacional e europeu no domínio da educação, cultura, inclusão e emprego. Com sede em Granada, Espanha, a ONG foi criada em 2008. A organização foi criada por iniciativa de educadores e professores experientes com o objetivo de criar uma associação sem fins lucrativos com um carácter humanista que oferece oportunidades de formação em empreendedorismo, desenvolvimento comunitário e promove a igualdade de oportunidades para todos os membros da sociedade. A ONG trabalha na gestão e inovação de programas de formação e emprego para diferentes sectores de atividade e vários grupos-alvo.

A Form2you é uma ONG sem fins lucrativos que tem como objetivo melhorar o capital social e humano das organizações como estratégia para aumentar a sua capacidade de resposta a problemas e oportunidades externas. Para atingir os seus objetivos, a Form2you cria, organiza e mantém vários programas de consultoria e formação em áreas como mentoring, coaching, fundraising, gestão da qualidade total, apoio social, voluntariado, design e processos de inovação social.



A Form2you tem apoiado organizações e empresas sociais em: Famílias excluídas e desfavorecidas, adultos e crianças; Envelhecimento Ativo e Cuidados a Idosos, e Organizações da Economia Social, entre outras. Todas as atividades são idealizadas para proporcionar diversão e um ambiente descontraído, onde os participantes podem aumentar a sua autoestima e autoconfiança.



O CitizensLab é um laboratório vivo e uma comunidade de prática, onde diversos atores de processos de transformação social, líderes de sistemas, ativistas, facilitadores, provocadores e organizadores comunitários se juntam aos nossos formatos de aprendizagem experimental, workshops e encontros. O CitizensLab traz uma abordagem regenerativa para o campo do envolvimento dos cidadãos, integrando o cognitivo, o emocional e o corpo físico à medida que procuramos reescrever as atuais narrativas da democracia.

A Associação EUROPANET foi criada como uma associação de educação e formação em 2010 e desenvolveu projetos europeus nos programas Juventude, Grundtvig, LLP, ERASMUS + ao longo dos anos. "Mobilidade Europeia", "intergeracionalidade" e



"transnacionalidade" são conceitos que estão na base de todos os seus projetos, quer se trate de "Arte Social", "Empreendedorismo Social", "Liderança", "Gestão" ou "Trabalho em Conjunto". A Associação EUROPANET está a trabalhar a nível local, nacional e internacional com escolas, ONGs, empresas ou organismos da Administração Pública. A Associação EUROPANET tem um conselho de administração, um departamento de gestão com experiência na implementação de projetos europeus, tem 84 voluntários (jovens, adultos e idosos) e colabora com mais de 30 especialistas de diferentes domínios: educação, arte social, empreendedorismo.

1.3 Participação da comunidade, dos jovens e regeneração urbana

O projeto CROSS reuniu três conceitos-chave: participação juvenil - regeneração urbana - empoderamento comunitário. De facto, o projeto partiu do pressuposto de que só promovendo o protagonismo juvenil e oferecendo aos jovens a oportunidade de se sentirem ativos, é possível produzir resultados significativos em termos de participação e cidadania ativa no desenvolvimento das comunidades locais. As ambições, a criatividade e os valores dos jovens devem ser aproveitados e encontrar espaços de expressão e de escuta, de modo a produzir uma verdadeira mudança que lhes permita criar o futuro que desejam e moldar os contextos em que vivem.

Optou-se, portanto, por envolver os jovens na construção de uma intervenção real no terreno, na comunidade onde vivem, proporcionando-lhes oportunidades de exercerem ativamente um processo de tomada de decisão para atingir objetivos concretos. A ênfase principal foi colocada no processo de construção da intervenção de regeneração urbana, mais do que no projeto de intervenção em si, porque foi precisamente através de um processo gradual que foi possível envolver as comunidades locais com a ideia de as apoiar na identificação das suas necessidades e recursos, um passo essencial para promover o seu empoderamento. Empoderamento é uma palavra de "processo-resultado", na medida em que designa tanto o processo para alcançar um determinado resultado como o próprio resultado, caracterizando o estado de empoderamento do sujeito. O empoderamento refere-se tanto (I) à experiência subjetiva como à realidade objetiva; e é, ao mesmo tempo, (II) um processo e um objetivo (Swift & Levine, 1987). Empoderar significa ativar recursos e competências já existentes, aumentando nos sujeitos individuais e coletivos a capacidade de usar as suas qualidades positivas e o que o contexto oferece a nível material e simbólico para agir sobre as situações e mudá-las.

A necessidade de promover a participação dos jovens e os processos de empoderamento é ainda mais forte em contextos de elevada marginalidade social e pobreza (cultural e económica) que levam os jovens a abandonar ou a viver frustrados com a condição das suas comunidades, lutando para ver oportunidades de mudança. São estas as condições que frequentemente caracterizam os subúrbios ou as zonas rurais das cidades, contribuindo para uma leitura da cidade contemporânea que opõe centro e periferia. De facto, o primeiro é apresentado como a parte vital da cidade, sede de atividades comerciais e de serviços, lugar

de cultura, expressão de valores históricos e de identidade comunitária, enquanto o termo periferia assumiu um significado negativo, indicando zonas frágeis da cidade, com problemas económicos, sociais e de estrutura urbana. Este último indica tanto a disposição dos edifícios no espaço urbano como as suas funções e foi o elemento-chave de interesse no projeto, partindo da consideração de que a localização, as condições estruturais, os usos, a acessibilidade dos espaços e dos edifícios têm repercussões importantes na forma como a comunidade local vive e sente o seu bairro. De facto, os bairros suburbanos apresentam-se muitas vezes como concentrações de edifícios residenciais (sobretudo de habitação social) onde não há lugar para espaços sociais e culturais, espaços coletivos acolhedores e bonitos. A tónica foi, portanto, colocada na reconexão das comunidades através da regeneração dos espaços físicos, fazendo dos jovens cidadãos os iniciadores deste processo.

A regeneração urbana significa, de facto, o processo de reutilização e reorganização dos espaços das cidades existentes. Este processo tem em conta não só a dimensão física dos espaços, mas também fatores sociais, ambientais e económicos. Por esta razão, os projetos de regeneração urbana são intervenções complexas que visam tornar as cidades e os bairros mais sustentáveis e amigos das pessoas, promovendo o bem-estar das comunidades locais. De acordo com o World Urbanization Prospect 2023, 57% da população mundial vive atualmente nas cidades e esta percentagem aumentará para 60% em 2030 (podendo atingir 82% em 20250). Por conseguinte, é evidente que uma das prioridades atuais é limitar a construção de novos edifícios, contrariando a utilização frenética e indiscriminada dos terrenos para construção. Isto significa incentivar a reutilização do solo urbano, começando por repensar o que já existe. As comunidades locais desempenham um papel fundamental neste processo: não só as autoridades públicas e os profissionais (arquitetos, urbanistas, construtores), mas também os cidadãos que vivem diariamente os espaços urbanos.

Nesta perspetiva, o projeto pretendia contribuir para a implementação da Estratégia da UE para a Juventude 2019-2027, incentivando "os jovens a tornarem-se cidadãos ativos, agentes de solidariedade e de mudança positiva para as comunidades em toda a Europa, inspirados pelos valores da UE e por uma identidade europeia" e ajudando a "prevenir a exclusão social dos jovens", tal como salientado na comunicação da Comissão Europeia COM(2018) 269 final ("Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões. Envolver, ligar e capacitar os jovens: uma nova Estratégia da UE para a Juventude").

1.4 O estado da arte

Para compreender melhor os contextos em que o projeto foi implementado e construir formas de intervenção capazes de responder às necessidades locais das comunidades envolvidas, foi inicialmente realizada uma investigação. A investigação foi realizada nos bairros envolvidos no projeto: o bairro de Shangai em Livorno (Itália), Neukölln em Berlim (Alemanha), Lourel em Sintra (Portugal), Lancha del Genil em Granada (Espanha) e os bairros periféricos e rurais da cidade de Iasi (Roménia). Apesar das suas diferentes posições em relação ao espaço da cidade e da composição anafórica das comunidades, os cidadãos destes bairros enfrentam problemas comuns de formas de marginalização e exclusão, baixos rendimentos e pobreza generalizada, bem como de má conservação da habitação.

Em termos de política de juventude, a diferença a assinalar é que, na Roménia e em Portugal, as leis de juventude são reguladas apenas a nível nacional, ao passo que na Itália, na Alemanha e em Portugal, são reguladas a três níveis. Em Itália e em Espanha, o nível local e regional é mais relevante, enquanto na Alemanha os três níveis são igualmente importantes. Isto significa que o Estado, as regiões e as cidades/municípios apoiam ativamente as políticas de juventude. Além disso, a nível local, todas as cidades envolvidas têm formas de representação dos jovens (como conselhos de juventude, centros de juventude).

No que diz respeito à necessidade de intervenções de reabilitação urbana em cada bairro, os projetos e programas de reabilitação dos espaços têm sido planeados e implementados ao longo do tempo, tanto pelas instituições (como as autarquias locais) como pelas organizações que operam nesses bairros.

No que diz respeito à perceção dos cidadãos que vivem nestas comunidades, os resultados são-nos fornecidos pelas entrevistas realizadas nas zonas. No que diz respeito à presença de espaços públicos de uso comunitário, a maioria dos entrevistados considera que estes estão presentes nos seus bairros, principalmente para uso das famílias e das crianças (com exceção do bairro de Neukölln, em Berlim, onde os principais utilizadores são jovens com menos de 30 anos). No entanto, em termos de condições destes espaços, há uma grande diferença: enquanto as comunidades dos bairros envolvidos em Espanha, Roménia e Portugal tendem a considerar as condições destes espaços muito boas ou boas, em Itália e na Alemanha são consideradas muito más. Por outro lado, em termos de envolvimento dos cidadãos nas decisões que afetam o bairro, o nível parece baixo em quase todas as comunidades envolvidas (com exceção do caso espanhol) e, mesmo quando existem associações e organizações que

cuidam do bairro, o impacto da sua ação não parece particularmente relevante.

Apesar das diferenças, a investigação concluiu que, nos territórios inquiridos, a maioria dos cidadãos afirmou estar satisfeita por viver nesse bairro/zona (com exceção da Espanha) e que, para além da presença de espaços verdes (na Alemanha e na Roménia), a comunidade local foi mais apreciada (Itália, Portugal). Não é por acaso que, em todas as zonas, a maioria dos cidadãos entrevistados respondeu positivamente à pergunta "Sente que existe um forte sentido de comunidade no seu bairro?" (exceto na Roménia).

Pelo contrário, foram registadas grandes diferenças em termos de perceção do impacto das intervenções de reabilitação urbana promovidas ao longo dos anos nos territórios. O facto interessante a assinalar sobre esta questão é que nos territórios em que os cidadãos confirmaram uma maior presença de intervenções de regeneração realizadas ao longo dos anos, há também uma maior perceção da presença e do impacto do papel das instituições locais: é o caso de Espanha (onde os objetos de intervenção foram principalmente parques e jardins públicos) e de Portugal (onde foram registadas intervenções em edifícios históricos ou degradados e em parques), enquanto que, inversamente, há uma maior sensação de negligência na ausência de intervenções para o cuidado e a regeneração dos espaços.

Por último, também no que se refere ao nível de participação dos jovens, os territórios inquiridos diferem muito uns dos outros: foi registado um claro "não" em Itália e na Alemanha à questão de saber se os jovens são ativos na vida social do bairro, ao passo que foram registadas respostas mais positivas na Roménia, em Portugal e em Espanha. No entanto, em todos os bairros inquiridos, as atividades em que se verifica uma maior presença de jovens são as atividades de voluntariado, artísticas e recreativas, e as atividades politicamente empenhadas, embora com níveis diferentes em cada caso.

1.5 Participação cívica e voluntariado

Comparativamente aos dados que emergiram da análise promovida no âmbito do projeto CROSS, um tema sobre o qual as organizações parceiras se questionaram foi o do ativismo cívico dos jovens através do voluntariado. O voluntariado organizado é um fenómeno social dinâmico, objeto de interesse e análise a nível nacional e internacional¹. O voluntariado é um fenómeno sociologicamente complexo, uma vez que se trata de uma experiência individual (micro) mas socialmente partilhada (meso) com outros voluntários e com os beneficiários da ação voluntária, que assume também uma dimensão pública (macro). Nos últimos anos, várias instituições internacionais e governos têm vindo a reconhecer o papel do voluntariado na consolidação dos valores da cidadania ativa, da democracia, da solidariedade e da coesão social, alargando em muito as suas tradicionais funções assistenciais e de ajuda mútua. Um dos desafios que se coloca às organizações de voluntariado é conciliar a prestação de serviços às pessoas e comunidades com a promoção da participação voluntária, mantendo um equilíbrio entre as dimensões participativa e gestionária, entre o social e o económico. Esta relação complexa tem gerado tensões, incompreensões e instrumentalizações. De facto, as reservas e críticas ao valor económico do voluntariado - fortemente recomendado pelas agências internacionais - são alimentadas pela preocupação, já expressa em vários países da UE, de que o voluntariado possa ocupar e substituir o trabalho remunerado, especialmente neste período de crise económica e financeira aguda.

Em Portugal, em 2018, a percentagem da população residente com 15 ou mais anos que participou em pelo menos uma atividade de voluntariado formal e/ou informal, foi de 7,8%, o que equivale a cerca de 695 mil voluntários. A taxa de voluntariado formal foi de 6,4%, enquanto a taxa de voluntariado informal foi de 1,5%. A taxa de voluntariado feminino foi superior à taxa masculina (8,1% vs. 7,6%). O grupo etário com a taxa de voluntariado mais elevada foi o dos 15-24 anos (11,3%) e a participação no trabalho voluntário aumenta progressivamente com o nível de escolaridade. Traçando um perfil sociodemográfico sumário dos voluntários, pode dizer-se que nas atividades de voluntariado formal se destacam os indivíduos mais jovens, desempregados, mais escolarizados, do sexo feminino e solteiros. No voluntariado informal, prevaleceram os indivíduos de faixas etárias mais elevadas, com níveis de escolaridade elevados, desempregados, do sexo feminino e divorciados/separados. O voluntariado formal foi

¹ Mauro Serapioni, Observatório sobre Crises e Alternativas - Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, https://www.ces.uc.pt/observatorios/crisalt/index.php?id=6522&pag=7866&id_lingua=2

maioritariamente direcionado para os serviços sociais (36,2%), organizações de cultura, comunicação e recreio (15,7%) e religião (15,7%).

Em Itália, de acordo com os dados tratados pela Openpolis² - Fundação Con i Bambini, com base nos dados recolhidos pelo Istat, os jovens com menos de 25 anos são o grupo etário mais envolvido em associações quando se trata de determinados sectores, como o ambiente e a paz. Em 2022, a percentagem de jovens entre os 18 e os 19 anos e entre os 20 e os 24 anos que tinham realizado atividades de voluntariado numa associação nos últimos 12 meses era de 9,4% e 9,2%, em comparação com uma média da população nacional de 8,3%. Se analisadas numa perspetiva histórica, porém, as percentagens são muito inferiores às anteriores à pandemia de covid-19: em 2019, de facto, 13,3% dos jovens entre os 18-19 anos e 12% dos jovens entre os 20-24 anos participaram em atividades de voluntariado³. Esta diminuição dos dados mostra o impacto das consequências da pandemia e das medidas de contenção. Os dados processados pela Cevot⁴ Sociometric research também nos dão uma imagem importante das percepções e intenções dos jovens cidadãos da região da Toscana, onde o projeto CROSS foi implementado. O dado mais interessante é o declínio no nível de intenção dos jovens entre 18 e 29 anos de serem "definitivamente" voluntários: em 2022 a percentagem era de 20,3%, enquanto em 2023 era de 12%. No entanto, a percentagem cresceu significativamente em relação aos jovens disponíveis para fazer voluntariado "ocasionalmente" (62%) e "em caso de eventos excepcionais" (20,8%). Em Itália, a tendência dos jovens para se envolverem ocasionalmente em atividades de voluntariado parece ser comprovada pelo que acontece durante as grandes emergências sociais e ambientais, durante as quais muitos jovens demonstram uma solidariedade sem paralelo. No entanto, esta forma de ativação não se traduz num empenhamento estruturado e contínuo no voluntariado organizado⁵.

² Openpolis-Con i Bambini, "La partecipazione dei giovani nelle organizzazioni sociali e nel volontariato" <https://www.openpolis.it/la-partecipazione-dei-giovani-nelle-organizzazioni-sociali-e-nel-volontariato/>

³ ISTAT, "Censimento permanente delle istituzioni non profit. I primi risultati" (2021) <https://www.istat.it/it/files//2023/05/Censimento-non-profit-primi-risultati.pdf>

⁴ Antonio Preiti, Sociometrica, "4° Rapporto Opinione pubblica e altruismo in Toscana - Indagine demoscopica 2023" https://www.cevot.it/sites/default/files/type_documento/allegati/4_rapporto_opinione_publica_e_altruismo_in_toscana_anno_2023.pdf

⁵ Vanessa Pallucchi, "Terzo settore. Menos jovens querem ser voluntários. Que riscos é que pode correr?" <https://www.avvenire.it/opinioni/pagine/le-realta-del-terzo-settore-di-frente-al-calo>

Os dados mais recentes sobre o voluntariado na Alemanha provêm do Inquérito alemão sobre o voluntariado⁶ (Deutscher Freiwilligensurvey, FWS) realizado em 2019, centrado em indivíduos com 14 anos ou mais. Este inquérito é realizado de cinco em cinco anos. Em 2019, 28,8 milhões de pessoas, constituindo 39,7% da população alemã com 14 anos ou mais, participaram em trabalho voluntário. As taxas de voluntariado aumentaram em todos os grupos etários desde 1999, com o crescimento mais substancial observado entre as pessoas com 65 anos ou mais, atingindo 31,2% em 2019 de 18,0% em 1999. A taxa mais elevada para 2019 situa-se no grupo etário dos 30 aos 49 anos (44,7%). As diferenças nas taxas de voluntariado entre os grupos educacionais se ampliaram. Indivíduos com formação escolar de nível superior (51,1%) apresentam maior engajamento em comparação com aqueles com formação escolar de nível médio (37,4%) e de nível inferior (26,3%). As taxas de voluntariado entre as pessoas oriundas da imigração (27,0%) são mais baixas do que entre as que não são oriundas da imigração (44,4%), com variações entre os subgrupos. Por exemplo, os nascidos na Alemanha com cidadania alemã têm uma taxa de 38,7%. É importante notar que este inquérito não tem em conta o período da pandemia de Covid-19, durante o qual a maioria das atividades foi cancelada devido a restrições de confinamento. Embora algumas atividades tenham passado a ser realizadas em linha, foi documentada uma diminuição do voluntariado entre os jovens⁷.

Também em Espanha, o voluntariado enfrentou desafios influenciados pela tensão económica, pelo elevado desemprego que afetou o empenho e pelo efeito perturbador da pandemia, que provocou uma diminuição das oportunidades, mas desencadeou esforços concentrados, nomeadamente no apoio aos cuidados de saúde. As mudanças demográficas no sentido do envelhecimento da população afetaram a disponibilidade de voluntários, especialmente para compromissos a longo prazo devido a potenciais limitações de saúde. As organizações de voluntários enfrentaram obstáculos no recrutamento e retenção devido à evolução das atitudes e a problemas de adaptação tecnológica. Para responder a estes desafios, foi necessário promover o valor do

⁶ Ministério Federal da Família, dos Idosos, das Mulheres e da Juventude, "Volunteering in Germany. Principais conclusões do Quinto Inquérito Alemão sobre Voluntariado (FWS 2019)" <https://www.bmfsfj.de/resource/blob/184604/a7cd006da6aed57d6d0dfab4a38e4212/5-freiwilligensurvey-englisch-data.pdf>

⁷ Florence Jenkins, consequências do confinamento para o voluntariado em Berlim <https://thegermanyeye.com/lockdown-consequences-for-volunteering-in-berlin-3968>

voluntariado, criar oportunidades flexíveis, tirar partido da tecnologia para o envolvimento dos voluntários e oferecer incentivos às contribuições.

Na Roménia, a situação parece diferente da que foi observada no resto da parceria. Os jovens romenos parecem muito ativos nas organizações associativas, especialmente nas associações de jovens que propõem atividades que os desenvolvem pessoal e profissionalmente. O principal problema situa-se ao nível das políticas públicas, porque os jovens não se sentem valorizados, não são envolvidos de forma alguma no estabelecimento de planos de futuro urbano (e não só). Há comunidades na Roménia onde existem grupos informais de ação local dedicados aos jovens nos conselhos locais ou nas câmaras municipais (portanto, nas instituições públicas). Mas estes exemplos são muito escassos e os jovens são efetivamente utilizados para ações de partidos políticos e menos para atividades cívicas.



Em geral, as causas que impedem o voluntariado são diversificadas e dependem de fatores pessoais e coletivos. Os desafios impostos pela pandemia de covid-19 e a crise económica têm contribuído negativamente para o fenómeno, afetando sobretudo as camadas mais frágeis da população, incluindo os jovens. Estes mesmos desafios económicos e culturais estão também a afetar as organizações e associações, que se veem confrontadas com fenómenos sociais cada vez mais complexos e com menos recursos à sua disposição. Uma nova aliança intergeracional parece ser necessária para reativar os recursos da juventude na comunidade. Ao mesmo tempo, a importância da inovação digital e as mudanças culturais exigem que as organizações identifiquem e construam novas ferramentas e novas linguagens para o diálogo com as novas gerações.

Capítulo 2. Jovens ativadores comunitários: a experiência do projeto

2.1 Descrição geral do projeto

O projeto CROSS, financiado pelo programa Erasmus, foi implementado entre 2022 e 2024 em cinco países europeus diferentes: Itália (líder do projeto), Espanha, Portugal, Alemanha e Roménia. O principal objetivo do projeto era promover a cidadania e a participação ativa dos jovens, especialmente os de bairros marginalizados, através dos instrumentos de regeneração urbana. Para tal, o projeto incentivou uma abordagem baseada na investigação-ação e no desenvolvimento comunitário para fomentar o conhecimento local, trocar boas práticas com parceiros europeus, apoiar redes locais (associações, comités, municípios) para aumentar a participação nos processos de tomada de decisão dos bairros e difundir a cultura de "regeneração" dos espaços urbanos.

O projeto envolveu três ações diferentes, construídas segundo uma lógica de continuidade temporal mas também concetual, desde a análise aprofundada dos contextos, passando pela auscultação das comunidades locais, até ao planeamento e, sempre que possível, à implementação das intervenções de regeneração. Em todas as ações estiveram envolvidas equipas locais de jovens, apoiadas pelos operadores do projeto, com o objetivo de incentivar a cidadania ativa das jovens gerações através da experiência direta.

No âmbito do projeto, o termo "cidadania ativa" refere-se à capacidade de reconhecer e compreender as necessidades individuais e coletivas, à luz das quais se pode identificar e mobilizar recursos (tanto em termos de materiais como de competências e conhecimentos) para lhes dar resposta. Em particular no sentido da proteção dos bens e espaços coletivos, imaginando as transformações dos espaços físicos como o espelho das transformações sociais. De facto, na lógica do projeto, os jovens foram os principais destinatários das ações implementadas, mas tornaram-se, por sua vez, ativadores das comunidades. Este método de intervenção foi adotado precisamente para tentar promover um sentido de protagonismo e responsabilidade, traduzido em ações reais na comunidade, apoiando os jovens como agentes de mudança, mas também como atores capazes de ler o contexto, detetar necessidades e, por sua vez, mobilizar os recursos humanos, culturais e materiais da comunidade.

2.2 A estratégia do projeto

Do ponto de vista metodológico, o projeto tomou como referência o "modelo dos 6 seis passos para a capacitação da comunidade". Este modelo foi proposto por Seunghyun Yoo, James Butler, Thistle I. Elias e Robert M. Goodman, investigadores no domínio da psicologia comunitária e da promoção da saúde. Elias e Robert M. Goodman, investigadores no domínio da psicologia comunitária e da promoção da saúde. O modelo de 6 etapas para o empoderamento da comunidade baseia-se no conceito de capacidade comunitária e na teoria ecológica social. O modelo envolve os seguintes passos: 1) entrar na comunidade; 2) identificar questões de interesse ou preocupação para a comunidade; 3) dar prioridade às questões identificadas; 4) formular uma estratégia para abordar uma questão prioritária; 5) desenvolver e implementar um plano de ação para abordar a questão prioritária; 6) passar para uma nova questão e liderança. O modelo tem sido aplicado em diferentes comunidades com origens geográficas, étnicas e étnicas diversas, mostrando resultados positivos em termos de capacitação e saúde.

É evidente que, no âmbito do projeto CROSS, este modelo de intervenção não foi aplicado de forma esquemática, mas influenciou o percurso do trabalho durante a fase de conceção e implementação. Neste contexto, o projeto envolveu a criação de equipas de jovens que participaram em todas as etapas das atividades a nível local, com a orientação e o apoio de investigadores das organizações parceiras. A abordagem promovida vê as crianças não só como destinatários, mas também como co-construtores dos percursos, valorizando os talentos e a criatividade. A perspetiva educativa baseou-se na aprendizagem experimental através da aprendizagem pela prática, em que os operadores da organização desempenharam o papel de facilitadores especializados do grupo. Esta secção resume as ações do projeto com os métodos e ferramentas de intervenção relevantes adotados, com a intenção de tornar a experiência replicável noutros contextos.

Fase 1. Investigação ReGeneration

Na primeira fase do projeto, foi realizada uma investigação com o objetivo de obter um retrato da situação inicial em todos os países parceiros. A investigação teve dois focos principais: os polos e os fenómenos de regeneração urbana promovidos nos bairros onde os projetos foram realizados. A investigação foi efetuada em três momentos:

1. Investigação documental. As organizações começaram por recolher dados

quantitativos e qualitativos sobre os contextos locais.

2. Entrevistas. As organizações parceiras desenvolveram um modelo de questionário partilhado,

3. Grupos de discussão. Durante os grupos de discussão realizados com grupos de jovens a nível local em cada país parceiro, foram analisados os seguintes temas: 1. Sentido de comunidade, 2. Envolvimento ativo dos jovens no bairro, 3. Regeneração dos espaços. O objetivo era analisar e comparar, com base nas sugestões resultantes das entrevistas, as percepções dos jovens e as suas experiências mais pessoais.

Fase 2. Repensar por rede

A segunda fase do projeto foi dedicada à participação das comunidades locais e ao reforço das competências de cidadania ativa dos jovens envolvidos através de uma abordagem experimental e de aprendizagem pela prática.

1. Apresentar a investigação às comunidades locais.
2. Formar os formadores. Para dotar os jovens envolvidos de mais ferramentas e competências para a realização de atividades subsequentes, as organizações organizaram algumas sessões de formação em linha. Isto também permitiu que as equipas locais se conhecessem e discutissem os desafios encontrados. A formação incluiu os seguintes módulos:

- a) Elementos de capacitação da comunidade
- b) Experiências de regeneração urbana
- c) Espaços eco-regenerados
- d) Como envolver as comunidades: experiências e riscos
- e) Bairros e vida comunitária
- f) Técnicas de facilitação para grupos

3. Atelier local. Os workshops, organizados a nível local com o envolvimento das comunidades locais, visavam selecionar uma área do território através da cartografia do território, identificar um edifício ou um espaço a "regenerar", recolher ideias e propostas para a intervenção de regeneração, discutir a viabilidade e a utilidade das propostas para o território com os cidadãos e as instituições.

Fase 3. Regenerar espaços

Na última fase, as propostas de intervenção de regeneração urbana foram formalizadas e apresentadas às administrações locais. Nalguns casos, as intervenções foram também implementadas ou foram lançadas as bases para a sua posterior implementação. À luz do trabalho realizado, o projeto elaborou um manual que resume os elementos essenciais das intervenções de reabilitação urbana para o empoderamento comunitário.

Modelo de seis etapas para a capacitação da comunidade de acordo com o projeto CROSS:

ETAPA 1 - Entrar na comunidade		
ACTIVIDADES	FERRAMENTAS	RESULTADOS
Identificação de potenciais parceiros comunitários (organizações locais, líderes informais, grupos de interesse)	Técnicas de comunicação - escuta ativa, feedback, reformulação, perguntas abertas	Criação de um grupo de trabalho composto por representantes da comunidade e investigadores
Apresentar o projeto e os seus objetivos à comunidade	Técnicas de facilitação - gestão de conflitos, mediação, negociação, motivação	O estabelecimento de uma visão partilhada do projeto e dos seus benefícios para a comunidade
Ouvir as opiniões e preocupações da comunidade sobre o projeto, responder às suas preocupações e questões e negociar acordos e regras de colaboração	Técnicas de avaliação - entrevistas, inquéritos, observações	O estabelecimento de um contrato psicológico entre a comunidade e os investigadores, que estabelece responsabilidades, expectativas e valores

ETAPA 2 - Identificação dos problemas da comunidade		
ACTIVIDADES	FERRAMENTAS	RESULTADOS
Realização de análises participativas Análise de dados Partilhar resultados	Técnicas de recolha de dados - grupos de discussão, entrevistas, inquéritos, observações dos participantes Técnicas de análise de dados Técnicas de comunicação de dados - gráficos, tabelas, mapas conceptuais, histórias digitais	Criação de uma comunidade perfil Formulação de uma lista com as principais questões de interesse ou preocupação para a comunidade Geração de um sentimento de sensibilizar, incentivar reflexão coletiva

ETAPA 3 - Priorização das questões comunitárias		
ACTIVIDADES	FERRAMENTAS	RESULTADOS
Definição de critérios de prioridade para as questões Avaliar as questões de acordo com os critérios estabelecidos Comparação das questões de acordo com a sua classificação	Técnicas de classificação - matrizes de classificação, Likert escalas. Técnicas de comparação - gráficos de pizza, gráficos de barras, gráficos de radar	Seleção de uma questão prioritária, qual é o mais relevante e urgente para o comunidade, e que irá ser o foco do projeto Geração de um sentido de empenhamento e de responsabilidade no comunidade

ETAPA 4 - Desenvolvimento da estratégia

ACTIVIDADES	FERRAMENTAS	RESULTADOS
Desdobrar o objetivo global em objetivos específicos Identificar as atividades necessárias para atingir os objetivos específicos Atribuição de responsabilidades e recursos para as atividades	Técnicas de planeamento Técnicas de atribuição	Plano de ação Sistema de controlo Geração de um sentimento de confiança e de capacidade na comunidade

ETAPA 5 - Implementação

ACTIVIDADES	FERRAMENTAS	RESULTADOS
Organização das modalidades operacionais do projeto Realização das atividades previstas pelo projeto Acompanhamento e avaliação dos progressos	Técnicas operacionais - reuniões, comunicações Técnicas de execução - técnicas específicas para cada tipo de atividade Técnicas de controlo e avaliação - relatórios, feedback	Aplicação do atividades previstas do projeto Produção de provas e conhecimentos sobre o projeto Geração de um sentimento de satisfação e aprendizagem em a comunidade

ETAPA 6 - Transição		
ACTIVIDADES	FERRAMENTAS	RESULTADOS
<p>Divulgação dos resultados e conhecimentos do projeto</p> <p>Aprender com a experiência</p> <p>Passar para uma nova questão e liderança</p>	<p>Técnicas de divulgação - relatórios, apresentações, produtos visuais</p>	<p>Impacto social e individual</p> <p>Reforço do sentimento de continuidade</p>

2.3 Pontos fortes e desafios

O projeto CROSS centrou-se em dois níveis: o local, com a ativação das comunidades diretamente envolvidas nas atividades; transnacional, através do trabalho de cooperação entre a parceria. As organizações parceiras adotaram, de facto, uma abordagem partilhada e uma planificação comum das atividades com o objetivo de testar uma abordagem conjunta em contextos diversificados. Foi assim possível identificar os pontos fortes e os desafios comuns que o projeto enfrentou na fase de implementação. Estes últimos elementos são particularmente relevantes porque permitem que as organizações e os profissionais que pretendem utilizar os conteúdos desta publicação possam aprender com a experiência do projeto.

✓ **Multiprofissionalíssimo e multi-sectorialidade.** O trabalho comunitário é complexo, tal como o planeamento das intervenções de reabilitação urbana. A complexidade resulta da necessidade de conciliar dinâmicas sociais, ambientais e culturais coletivas, bem como percursos individuais. Por esta razão, um elemento indispensável é, por um lado, o envolvimento de equipas multiprofissionais que saibam ler o contexto de acordo com uma abordagem holística e, por outro, a utilização do conhecimento e da experiência da população local na comunidade. Graças a isto, de facto, é possível garantir a adoção de todas as iniciativas adaptadas às necessidades específicas da comunidade, assegurando uma perspetiva de sustentabilidade.

✓ **A informalidade como chave para a participação.** Um aspeto da abordagem definida pelo projeto que, na fase de implementação, emergiu como um elemento de sucesso é a centralidade das relações informais como elementos-chave para a promoção da participação. De facto, nos bairros periféricos, os cidadãos experimentam muitas vezes um sentimento de exclusão e de desinteresse pela vida política e social, que se traduz num sentimento de frustração e de desânimo relativamente à possibilidade de terem um impacto positivo na melhoria da sua própria situação ou da situação da comunidade. Nestes contextos, o papel das redes de relações informais torna-se fundamental, onde o conhecimento e a confiança mútuos facilitam o envolvimento ativo das pessoas. As organizações envolvidas foram capazes de construir e ativar redes de colaboração a nível local, com grupos informais de cidadãos, associações de jovens e centros cívicos ou juvenis. Isto permitiu às organizações parceiras estabelecer uma relação de confiança mútua com os cidadãos e os jovens do bairro.

✓ **Baixo nível de envolvimento dos jovens.** Um dos aspetos que representou um grande desafio para o projeto foi o envolvimento dos grupos de jovens e a sua manutenção proactiva ao longo do tempo. Apesar do interesse demonstrado no início do projeto e da presença profundamente enraizada das organizações nos bairros envolvidos, a criação de um grupo permanente/fechado revelou-se um desafio. Este facto deveu-se também à faixa etária, em que os interesses e os compromissos de estudo mudam frequentemente.

✓ **Execução das intervenções de reabilitação urbana.** Na fase de planeamento/execução das intervenções, podem existir dois obstáculos principais. Por um lado, os recursos económicos limitados para a realização das intervenções e as dificuldades em encontrá-los podem criar expectativas demasiado elevadas nas pessoas envolvidas, dada a grande necessidade de intervenções estruturais nos bairros periféricos. Por outro lado, o necessário envolvimento das autoridades locais. De facto, a maior parte das atividades de reabilitação urbana requerem a aprovação das autoridades públicas para evitar o risco de serem sancionadas. O processo de obtenção deste tipo de autorização é muito burocrático, exigindo tempo e recursos. Além disso, existem tantos desafios económicos e sociais neste momento que o bem-estar da população tem precedência sobre a recuperação de espaços nas agendas políticas, o que pode tornar complexo receber o apoio necessário.

✓ **O risco de teorização excessiva.** Embora o foco seja muito prático (o da regeneração urbana), pode ocorrer o risco de cair em atividades excessivamente teóricas (por exemplo, discussões, planeamento, investigação) em detrimento da prática. Encontrar o equilíbrio certo entre a teoria e a prática é essencial para garantir a continuidade da participação dos jovens, especialmente se a intervenção for efetuada em zonas marginais caracterizadas por uma elevada taxa de marginalização, pobreza e abandono escolar. De facto, uma abordagem excessivamente teórica requer um elevado nível de preparação académica por parte dos jovens envolvidos, o que é muitas vezes difícil de encontrar naqueles que vivem estes desafios

2.4 Resultados alcançados

Apesar das dificuldades e das especificidades dos diferentes territórios envolvidos, o projeto obteve alguns resultados comuns. Estes são interessantes porque permitem estimar as implicações que este tipo de percurso pode ter nas comunidades e nos jovens envolvidos.

Através do projeto CROSS, os cidadãos locais puderam expressar as suas opiniões e necessidades. As entrevistas de bairro ativaram um sentido de reflexão coletiva e de agência entre os residentes. Além disso, os jovens envolvidos descobriram novas informações sobre as dimensões culturais e históricas da sua zona. Os grupos de discussão foram também uma ótima oportunidade para a aprendizagem mútua e para a troca de experiências pessoais, o que não estavam habituados a fazer.

O projeto criou um espaço de confiança no qual os jovens contribuíram para mapear as necessidades do bairro e exprimir o que gostariam de mudar. Propuseram ações imediatas e mudanças mais estruturais que exigirão o apoio das instituições locais. Um resultado significativo é uma maior consciencialização entre os jovens sobre as suas próprias capacidades e poder para transformar e alterar o estado de degradação do seu meio envolvente. Há também uma maior capacidade de abordar questões difíceis, como a discriminação racial, tanto na escola como no bairro.

Os jovens pedem oportunidades mais frequentes para criar espaços de escuta, onde possam partilhar as suas experiências e necessidades quotidianas com os adultos que os rodeiam, incluindo professores e representantes de instituições locais.

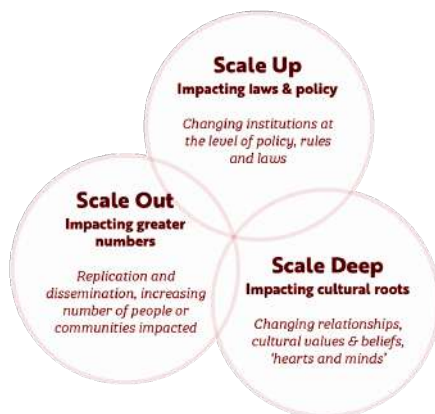
Ao capacitar tanto os indivíduos como as comunidades, o projeto prepara o terreno para um desenvolvimento duradouro. Quando as pessoas estão ativamente envolvidas na tomada de decisões, cultivam um sentido de propriedade e comunidades mais resistentes. Além disso, a partilha de ideias a uma escala global garante que estas comunidades não estão isoladas, mas são participantes ativos numa conversa mais ampla, alargando as suas perspetivas e abordagens.

Capítulo 3. Diretrizes CROSS

1. Mudança social: aumentar ou aprofundar a escala?⁸

No discurso atual sobre mudança e transformação social, três abordagens de escalonamento predominantes dominam a literatura. Para alcançar a mudança e o impacto do sistema, é necessária uma combinação destes tipos:

- 1) O aumento de escala consiste em alterar as leis e as políticas dos sistemas de modo a eliminar preceitos opressivos ou a introduzir regras que mudem o jogo e tragam benefícios sociais a um grande número de pessoas.
- 2) A expansão consiste em fazer crescer ou reproduzir uma solução noutras áreas geográficas, incluindo a expansão lateral para novas populações-alvo.
- 3) A escala profunda envolve atividades destinadas a promover a transformação a nível sociocultural de indivíduos, organizações ou comunidades.



O Scaling-deep reconhece que há poder na transformação da cultura. Reconhece que as intervenções ao nível do significado e da cultura podem revelar-se eixos poderosos para alavancar a mudança. Uma mudança duradoura leva muitas vezes tempo e requer uma quantidade significativa de introspeção, reflexão e crescimento

peçoal. Requer uma abordagem relacional que valorize a confiança e a ligação e, por vezes, que os indivíduos confrontem os seus próprios preconceitos, pressupostos e crenças. Este trabalho pode ser desconfortável e conduzir a conflitos. Este tipo de mudança não pode ser apressado ou forçado, e os resultados tangíveis podem demorar mais tempo a manifestar-se. A CROSS prestou atenção à abordagem Scaling Deep, que envolve uma mudança de paradigma nas formas de liderança, organização, gestão e métricas de sucesso que adotamos em projetos e associações. Scaling Deep é uma abordagem transformadora para a mudança de sistemas que vai além dos modelos

⁸ [The Art of Scaling Deep](#) por Tatiana Fraser, The Systems Sanctuary 2023; Moore, Michele-Lee, et al. "[Scaling Out, Scaling Up, Scaling Deep: Strategies of Non-Profits in Advancing Systemic Social Innovation](#)". *The Journal of Corporate Citizenship*, n.º. 58, 2015, pp. 67-84. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/jcorpciti.58.67>; [Problematizing scale in the Social Sector](#) por Gord Tulloch 2018

tradicionais de escalonamento: *Envolve uma profunda transformação pessoal e cultural para criar mudanças duradouras e sustentáveis. (...) Reformula o domínio e as hierarquias, dando ênfase às relações, à colaboração e à compreensão holística das questões sistêmicas.*

2. Envolvimento ativo dos jovens - como exercer influência a nível político?

O envolvimento ativo dos jovens na política é fundamental para promover uma representação diversificada e dinâmica na tomada de decisões. Isto envolve estratégias multifacetadas, incluindo a educação cívica precoce para inculcar a consciência política e realçar a importância do voto. A criação de espaços inclusivos para o diálogo e discussões orientadas para a solução através de fóruns comunitários e programas de tutoria dá poder às vozes jovens. Apoiar e fomentar os papéis de liderança dos jovens através de formação, bolsas de estudo e programas de orientação é crucial para aumentar a representação nas esferas políticas. A ligação dos jovens a questões pertinentes como a educação, o emprego, as alterações climáticas, a igualdade entre os sexos e a justiça social funciona como um catalisador, despertando a sua motivação para participar ativamente na definição dos cenários políticos.



Estes esforços concertados visam fomentar o envolvimento dos jovens na política, dando ênfase à defesa de causas, ao lobbying e à participação ativa nos processos eleitorais. Ao

defenderem políticas alinhadas com as suas preocupações e ao amplificarem as suas vozes através de ações coletivas, as organizações de jovens contribuem significativamente para influenciar as decisões políticas. Incentivar e mostrar a importância do voto como instrumento de mudança social, juntamente com iniciativas que promovem o recenseamento eleitoral, desempenha um papel fundamental na capacitação dos jovens para contribuírem de forma significativa para o desenvolvimento das suas comunidades e da sociedade em geral.

3. Participação ativa dos jovens - como utilizar a tecnologia?

O projeto testou técnicas bem sucedidas de utilização da tecnologia, em especial das redes sociais, para aumentar a participação dos jovens. Compreender as escolhas digitais dos jovens é essencial, uma vez que a criação de material digital e visual significativo que aborde questões ambientais e sociais pode ter um impacto importante na participação. Curtas-metragens, gráficos interessantes e atividades interativas são muito eficazes para captar e manter a atenção do público jovem.



Relativamente ao desenvolvimento da regeneração do espaço, seria importante captar graficamente a transformação antes e depois utilizando meios visuais como o Instagram e o TikTok, mostrando os esforços dos jovens na revitalização do espaço. Este método não só mantém a comunidade informada, como também cria uma história convincente em torno do projeto.

É também essencial incentivar a partilha de experiências pessoais relacionadas com a recuperação do espaço. Motivar as pessoas a partilhar imagens, vídeos ou testemunhos nas redes sociais não só incentiva a interação direta, como também difunde a mensagem do projeto nas redes sociais dos participantes.

4. Colaboração e criação de redes na comunidade

O papel da rede territorial é um elemento essencial para o planeamento e a implementação de intervenções de empoderamento comunitário. Para o abordar, é necessário partilhar algumas reflexões preliminares. Em primeiro lugar, é necessário considerar que as necessidades de natureza social não só estão a aumentar em número, como também são cada vez mais complexas na sua definição e abordagem. De facto, estas exigem competências e profissionalismos diferentes, tornando necessariamente o

trabalho comunitário multissectorial e multidisciplinar. Não se pode, portanto, acreditar que um único ator possa assumir a complexidade, mas terá necessariamente de construir alianças e colaborações para combinar competências e recursos. Outro aspeto a considerar é que muitas energias institucionais e informais se movimentam nos territórios para implementar ações que respondam às necessidades da comunidade. No entanto, muitas vezes a falta de diálogo e de colaboração enfraquece as intervenções e provoca um desperdício de recursos (económicos e instrumentais, humanos e intelectuais), bem como uma perda para toda a comunidade. Além disso, é preciso ter em conta que, quando falamos de redes, não nos referimos apenas aos atores institucionais (como administrações, escolas, serviços sociais públicos, etc.) e privados (associações, cooperativas sociais, empresas, etc.) que lidam a vários níveis com um tema, mas também aos cidadãos e aos intervenientes informais. As ferramentas que podem ser utilizadas são as ligadas aos processos participativos - assembleias, world cafés, tecnologia de espaços abertos, laboratórios vivos - mas também uma presença constante "no terreno" através de pequenas iniciativas, o que permite criar laços pessoais e de confiança com a comunidade.



Neste contexto, o trabalho em rede permite-nos contextualizar melhor as intervenções comunitárias, pois permite-nos construir uma análise mais precisa das necessidades e uma imagem clara do território.

5. Acessibilidade dos espaços

O acesso aos espaços é uma questão que engloba diferentes aspetos e requer uma análise capaz de reunir múltiplas disciplinas. Como primeiro aspeto, é importante considerar os aspetos que podem ser definidos como estruturais ou materiais. De facto, os primeiros limites à acessibilidade surgem na estrutura do espaço e na sua localização na cidade. Por exemplo, se um espaço está mal conectado por transportes públicos e está

localizado numa posição isolada, será difícil para as pessoas que não têm acesso a ele frequentá-lo. do seu próprio veículo, da mesma forma, a presença de barreiras arquitetónicas e a falta de ferramentas de apoio para facilitar a acessibilidade implicam claramente um limite concreto à participação de pessoas com habilidades motoras reduzidas. O outro nível de reflexão que pudemos constatar, para além do dos impedimentos físicos, diz respeito a um aspeto mais imaterial e também neste caso estamos perante um resultado de múltiplas necessidades, interesses e expectativas



entrelaçadas. O segundo aspeto está mais relacionado com a "perceção": como o espaço é percecionado e como nos percecionamos em relação a ele. Podemos notar a diferença, por exemplo, entre uma praça em que foi feita uma intervenção, um mural por exemplo, por um artista ou uma praça em que a mesma intervenção foi feita em colaboração com os cidadãos, neste segundo caso a perceção de ter contribuído para melhorar um espaço coincide com o

crescimento de um sentimento de pertença e um desejo de preservar o próprio bem. A acessibilidade de um espaço depende também da medida em que cada um se sente livre para se exprimir plenamente e em segurança, e afeta a vontade de uma pessoa de frequentar ou não esse espaço, sem o risco de ser discriminada ou atacada por isso. Para construir estes lugares, é essencial que haja uma reflexão e participação coletiva nos processos de construção.

6. Participação ativa dos jovens - como envolvê-los nos processos de regeneração urbana?

O envolvimento dos jovens nos processos de regeneração urbana é saudável e benéfico para a criação de comunidades vibrantes, inclusivas e sustentáveis. O primeiro elemento essencial é a inclusão dos jovens nos processos de tomada de decisão. Para pôr em prática esta representação, podem ser criados conselhos de jovens ou conselhos consultivos que incluam jovens, adultos e idosos, especificamente centrados em projetos de reabilitação urbana. O segundo elemento é a utilização de métodos criativos e de arte

visual, como instalações artísticas, espetáculos de rua ou exposições interativas. Estas abordagens podem tornar o processo de reabilitação mais atrativo do ponto de vista visual e interativo, captando o interesse dos jovens. Também são necessárias parcerias com instituições de ensino para incorporar projetos de reabilitação urbana no currículo ou como atividades extracurriculares. Isto permite que os jovens aprendam em primeira mão sobre as questões urbanas e participem em soluções práticas. Outro aspeto importante é o papel dos adultos como facilitadores: os jovens devem ser incentivados a iniciar os seus próprios projetos ou iniciativas no processo de regeneração, enquanto as partes interessadas adultas podem fornecer apoio, recursos e tutoria para os ajudar a desenvolver e implementar as suas ideias, promovendo um sentido de apropriação e responsabilidade da comunidade. As ferramentas digitais também podem ter um papel relevante na promoção da participação, por exemplo, utilizando plataformas digitais ou aplicações em linha em que os jovens podem contribuir com ideias, votar em propostas ou envolver-se em debates relacionados com a regeneração urbana. Isto permite a participação daqueles que não podem participar em reuniões presenciais. Além disso, os projetos de regeneração urbana podem representar importantes oportunidades de voluntariado para os jovens e, para os tornar mais atrativos, podem incluir os seguintes elementos:



1) Iniciativas lideradas por jovens. Capacitar os jovens para iniciarem e liderarem os seus próprios projetos ou campanhas de voluntariado nas suas comunidades. Fornecer apoio, recursos e tutoria para os ajudar a planear, implementar e manter as suas iniciativas, encorajando um sentimento de propriedade e de pertença;

2) Reconhecimento e incentivo - Reconhecer e celebrar as contribuições dos jovens voluntários através de prémios, certificados ou reconhecimento público. Oferecer incentivos, tais como créditos por horas de voluntariado, oportunidades de estabelecimento de contactos ou acesso a eventos exclusivos, para estimular a participação;

3) Envolvimento dos pares e tutoria. Incentivar a participação dos pares, mobilizando jovens embaixadores ou campeões do voluntariado para promover o voluntariado entre os seus pares. Os programas de tutoria de jovens também podem fornecer orientação e apoio aos jovens que estão a iniciar-se no voluntariado;

4) Ambientes de voluntariado amigos dos jovens. Criar ambientes de voluntariado que sejam acolhedores, inclusivos e amigos dos jovens. Assegurar que as oportunidades de voluntariado são acessíveis, envolventes e estão alinhadas com os interesses e valores dos jovens, promovendo um sentimento de pertença e de objetivo.



ERASMUS+ CROSS

CITIZENSHIP AND RECOVERY OF OPPORTUNITIES FOR SUBURBAN SPACE

URBAN REGENERATION HANDBOOK

Por "regeneração urbana" entende-se uma intervenção capaz de gerar uma recuperação dos espaços urbanos degradados, gerando um reordenamento tanto do ponto de vista arquitetónico-estrutural como social, cultural e ambiental. Este termo é indissociável da evolução das próprias cidades e da sua história. De facto, desenvolve-se como resultado da expansão das cidades e da produção e desenvolvimento de novas contrariedades, desde a necessidade de intervir em espaços não saudáveis nascidos como resultado do processo de industrialização e expansão, até à necessidade de intervir para encontrar novos destinos para estruturas antigas ou espaços abandonados, na sequência de uma mudança no tecido económico e produtivo da cidade.

Com a afirmação de políticas ambientais que visam reduzir o impacto da construção e do consumo do solo, a "regeneração urbana" torna-se um elemento central no debate europeu, precisamente devido aos aspetos de recuperação espacial, reconversão e sustentabilidade que lhe estão associados.

No entanto, devemos ter o cuidado de não a confundir com o termo "renovação urbana", que muitas vezes se refere a intervenções principalmente de destruição e reconstrução de carácter mais ou menos abertamente especulativo, negligenciando a dimensão da sustentabilidade e do impacto social.

A regeneração acarreta também muitas contradições, apontadas por numerosos sociólogos ou investigadores, como a valorização sem critério do decoro como elemento central das intervenções das autarquias, gerando muitas vezes intervenções que apenas favorecem um determinado segmento da população privilegiada, a par do risco de gentrificação e consequente afastamento dos segmentos mais fracos da população dos bairros ou das zonas "requalificadas".



1) SÊ CRIATIVO

Ser capaz de ver um espaço pelo que ele poderia ser, e não pelo que já é, imaginando uma intervenção capaz de colocar os cidadãos e as suas necessidades no centro, tornando os espaços e as cidades amigas dos cidadãos. Construir espaços para estar e não apenas espaços para passear.

2) MELHORAR OS ESPAÇOS

Escolhe um espaço que precise de ser convertido, um espaço que possa ser melhorado ou modificado de acordo com as necessidades das pessoas que nele vivem.



3) PREFERIR UMA ABORDAGEM HOLÍSTICA

O objetivo da regeneração é a reutilização ou a reorganização de espaços já construídos. O processo não se preocupa apenas com os edifícios, mas também com as pessoas. A intervenção deve reunir vários fatores: aspeto ambiental, aspeto social, aspeto físico. Intervir nos espaços da cidade significa intervir na vida das pessoas que vivem esses espaços, trabalhando para um projeto que conta com a contribuição de diferentes profissões e disciplinas.

Regeneração

intervenção no espaço físico-ambiental-social-económico



Reabilitação

intervenção de reabilitação no espaço físico

4) PRESTE ATENÇÃO À ACESSIBILIDADE

Os espaços devem ser utilizáveis por todos e todas sem distinção de género, etnia, estatuto económico, orientação sexual e religião, tendo em conta, em primeiro lugar, as pessoas com mobilidade reduzida ou dificuldades de locomoção. Construir espaços acessíveis e seguros é o primeiro passo para construir cidades que sejam verdadeiramente a casa de todos.



5) PROMOVER A PARTICIPAÇÃO DOS CIDADÃOS

O Placemaking é uma abordagem multidisciplinar do planeamento, da conceção e da gestão dos espaços públicos. O Placemaking procura utilizar todos os recursos de uma comunidade local, tanto os materiais como, mais importante, os imateriais, como a inspiração, as ideias, o potencial não expresso e o conhecimento da área, com o objetivo de construir espaços que tenham uma identidade e uma função.



Espaços que possam melhorar a vida da cidade e dos bairros, tanto em termos de vitalidade urbana, como de promoção da cultura, da felicidade e do bem-estar. Para isso, é essencial grupos de cidadãos ativos. Estes tornam-se "fazedores de lugares" e participam ativamente em todas as fases de conceção e intervenção, não só para aumentar a probabilidade de as necessidades serem satisfeitas, mas também para criar um sentimento de ligação e responsabilidade colectiva em relação ao produto do processo.

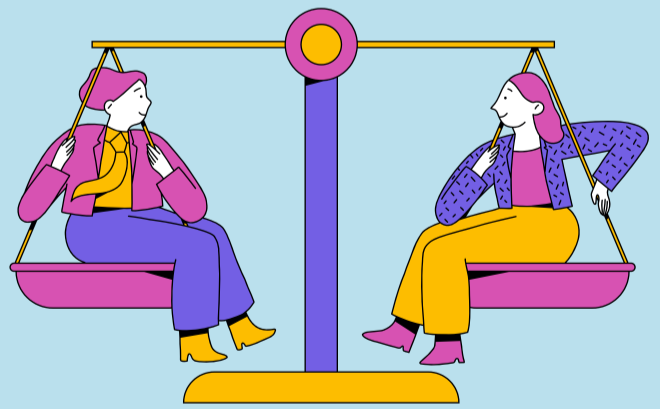
6) SER SUSTENTÁVEL

O objetivo da reabilitação urbana é contribuir para tornar as cidades sustentáveis e mais favoráveis às pessoas, contrariando a utilização frenética e indiscriminada do solo para construção. O impacto ambiental deve ser o mais reduzido possível e, no caso de novas construções, deve-se sempre tentar utilizar materiais o mais sustentáveis possível. Podemos, por exemplo, imaginar a presença de plantas ou árvores para compensar as novas construções, ou imaginar, na reconversão de espaços, algumas zonas de intervenção dedicadas exclusivamente à redução do impacto através de práticas que podem ser consideradas uma ferramenta para tornar a cidade mais resiliente em relação às alterações climáticas.



7) RESPEITAR O CONTEXTO

A intervenção deve inserir-se no quadro local e não tentar distorcer o contexto. Regenerar significa dar uma nova vida, mas isso deve ser feito tendo sempre em conta o todo em que se insere. Por isso é importante conhecer a identidade do lugar em que se intervém, valorizar a sua cultura e história, trazendo ideias que se possam misturar e contaminar com essas vivências, com respeito.



8) PEQUENA, MÉDIA, GRANDE ESCALA

As intervenções podem ser de diferentes escalas, desde a regeneração de uma praça até à instalação de uma pequena escultura ou à criação de um mural, o que conta é o percurso e a razão de ser da intervenção. Mesmo um banco num parque pode ser uma intervenção de regeneração, desde que active ou tenha ativado todos os aspetos que identificámos agora.

